

REPORTAGEM: Julgamento de ex-padre condenado a 12 anos em Timor-Leste detalha abusos

****Por António Sampaio, da Agência Lusa****

Díli, 21 dez 2021 (Lusa) – Os abusos sexuais de crianças cometidos ao longo de décadas pelo ex-padre Richard Daschbach, condenado a 12 anos de prisão em Timor-Leste, foram hoje pormenorizados na leitura da sentença do caso mais polémico de sempre no país.

Fechado ao público durante todas as audiências – por se tratar de um caso de abuso de menores – o julgamento de Richard Daschbach, no Tribunal de Oecusse, teve hoje a sua sessão final, com a leitura da sentença à porta aberta e autorização para os jornalistas filmar.

O acórdão detalha o drama por trás do processo, com vítimas de famílias pobres a quem os pais entregaram ao cuidado do orfanato Topu Honis, em Oecusse, confiando em Daschbach, e onde acabariam por ser alvo de repetidos abusos.

Um caso marcado pela polémica, com Daschbach a ter apoios de peso ao longo das várias fases do processo, incluindo inicialmente do atual primeiro-ministro Taur Matan Ruak, e até ao dia de hoje, pelo ex-Presidente Xanana Gusmão.

Ao longo de várias horas, o juiz detalhou no acórdão as circunstâncias dos vários crimes cometidos por Daschbach, incluindo violação vaginal, oral e outros crimes sexuais contra menores, em concreto contra quatro vítimas.

Casos em que as vítimas, todas menores de 12 anos, foram levadas para o quarto de Daschbach, instruídas a despir-se antes de lhes serem praticadas várias violações sexuais, incluindo penetração vaginal e oral.

“Quando completou 11 anos, e ainda não tinha tido a menstruação, e em data não apurada, o arguido chamou-a para entrar no seu quarto, mandou-a despir. O arguido também ficou nu, deu beijos na boca da lesada, inseriu o pénis na vagina da lesada e fez movimentação até ejacular”, leu o juiz, referindo-se a um dos crimes provados.

Caso atrás de caso, alguns que remontam ao início da década passada, e que marcam a vida de um orfanato que chegou a contar com o apoio de doares internacionais, retirado assim que os abusos foram conhecidos.

Ao longo do processo, Daschbach – que tinha confessado os crimes perante o Vaticano (levando à sua laicização) e, inicialmente, perante o Ministério Público -, acabou por rejeitar as acusações, admitindo apenas que tinha tirado fotos de meninas nuas, a tomar banho, algumas das quais tinha em sua posse, em registo digital.

“O arguido admitiu parcialmente os factos, disse que nunca deu banho às crianças, dormiu com as crianças ou cometeu atos errados com as lesadas. E disse que apenas tirou as fotografias para as mostrar às crianças”, disse o juiz.

Já as vítimas, “confirmaram totalmente os factos da acusação, acrescentaram ainda que não negam o bem que o arguido lhe fez, durante o tempo que estiveram no orfanato, mas nunca aceitaram os atos de natureza sexual do arguido em relação a elas”.

“Estes tipos de declarações (...) são bem reveladores de que os seus depoimentos correspondem à verdade dos factos que lhes sucederam enquanto no orfanato e no nosso entender dispensam qualquer outra acrescida fundamentação”, refere o texto.

No caso das lesadas cujos crimes não foram provados, o juiz nota que reverteram depoimentos inicialmente dados ao Ministério Público e em tribunal “negaram totalmente os factos contidos na

acusação”, chegando a dizer terem sido “ameaçadas pelo Ministério Público durante o inquérito para dizerem que foram violadas pelo arguido”.

Apesar disso, o juiz disse que o arguido chegou a pedir no tribunal que se fosse condenado, e que a sua admissão de culpa parcial, as declarações das vítimas e outras provas apresentas no processo justificavam a condenação.

Uma questão que não foi considerada pelo tribunal tem que ver com perícias forenses realizadas às alegadas vítimas, “que têm como único fim determinar o rompimento do hímen ou não, em resultado de práticas sexuais”.

O juiz considerou que os exames foram realizados, muito depois dos alegados crimes serem cometidos, em 2020, “e não permitem por si só estabelecer qualquernexo de imputação entre uma suposta violação ou abuso sexual (...) e os seus resultados”.

O tribunal ignorou igualmente, como considerando irrelevantes, depoimentos de dezenas de testemunhas, tanto arroladas pelo Ministério Público como pela defesa, neste caso incluindo o próprio ex-Presidente Xanana Gusmão.

O acórdão nota que as lesadas, menores na altura dos crimes e hoje adultas, “tiveram coragem, sem vergonha e medo” e mantiveram as suas declarações perante o Ministério Público, durante a audiência no tribunal.

O acórdão refere-se ainda a declarações proferidas pelo próprio Daschbach perante a sua ex-ordem religiosa, a SVD em Díli, a quem disse, quando questionado sobre os abusos que eram “100% verdade”. Outras testemunhas confirmaram terem visto o arguido, nu, a dar banho a meninas nuas.

O juiz notou que foram ainda apresentadas durante o julgamento mais de uma dúzia de outras vítimas, com pelo menos três a reverterem as denúncias inicialmente confirmadas ao Ministério Público. Representantes das vítimas alegam ter havido intimidações.

Em alguns casos os crimes não foram considerados pelo tribunal por terem prescrito, de acordo com a lei que vigorava quando teriam sido alegadamente cometidos, em concreto o código penal indonésio. A sentença tem em conta apenas cinco crimes provados cometidos contra quatro vítimas.

Momentos depois do juiz terminar a leitura do acórdão, em português, e antes de fazer um resumo da decisão em tétum – traduzido para indonésio para o arguido –, o líder histórico Xanana Gusmão abandonou a sala de audiências.

Xanana Gusmão, que não fez hoje qualquer declaração aos jornalistas, foi durante o julgamento um dos principais apoiantes de Daschbach, chegando a ser testemunha da defesa no processo.

A reta final da jornada ficou marcada por choros e gritos de muitos apoiantes do ex-padre, a maioria meninas e raparigas, que se concentraram à porta do Tribunal.

Quando esperava ser transportado pela polícia para a esquadra em Oecusse – antes de viajar sob escolta policial até Díli onde ficará em prisão preventiva – Daschbach virou-se para as jovens e em indonésio disse que tinha sido condenado a 12 anos de cadeia.

As jovens começaram a chorar e a gritar, tentando empurrar os agentes policiais para abraçar o ex-padre, forçando a polícia a retirá-las do local.

Daschbach acabou por sair pelas traseiras do tribunal onde foi colocado num carro da polícia que saiu a grande velocidade do complexo, perante o choro de dezenas de apoiantes que correram atrás da viatura.

ASP//MIM

Lusa/Fim

REPORTER: Judgement of former priest sentenced to 12 years in Timor-Leste details abuses

By António Sampaio, Lusa News Agency

Dili, Dec 21, 2021 (Lusa) - The sexual abuse of children committed over decades by former priest Richard Daschbach, sentenced to 12 years in prison in East Timor, was detailed today during the reading of the sentence of the most controversial case ever in the country.

Closed to the public during all hearings - because it is a case of child abuse - the trial of Richard Daschbach, in the Court of Oecusse, had its final session today, with the reading of the sentence behind open doors and permission for journalists to film.

The ruling details the drama behind the case, with victims from poor families who were handed over to the care of the Topu Honis orphanage in Oecusse by their parents, trusting Daschbach, and where they would end up repeatedly abused.

A case marked by controversy, with Daschbach having strong support throughout the various stages of the process, including initially from current Prime Minister Taur Matan Ruak, and until today, by former President Xanana Gusmão.

Over several hours, the judge detailed in his ruling the circumstances of the various crimes committed by Daschbach, including vaginal and oral rape and other sexual crimes against minors, specifically against four victims.

Cases in which the victims, all under the age of 12, were taken to Daschbach's bedroom, instructed to undress before various sexual violations were performed on them, including vaginal and oral penetration.

"When she turned 11, and had not yet had her period, and on an undisclosed date, the defendant called her into his room, ordered her to undress. The defendant also got naked, kissed her mouth, inserted his penis in her vagina and moved her around until he ejaculated," read the judge, referring to one of the proven crimes.

Case after case, some dating back to the beginning of the last decade, marked the life of an orphanage that came to rely on the support of international donors, withdrawn as soon as the abuses became known.

Throughout the process, Daschbach - who had confessed the crimes before the Vatican (leading to their secularization) and initially before the Public Prosecutor's Office - ended up rejecting the charges, admitting only that he had taken pictures of naked girls, bathing, some of which he had in his possession, on digital record.

"The defendant partially admitted the facts, said he never bathed the children, slept with the children or committed wrongful acts with the injured girls. And he said he only took the photographs to show them to the children," the judge said.

The victims, on the other hand, "fully confirmed the facts of the indictment, they also added that they do not deny the good that the defendant did for them, during the time they were in the orphanage, but they never accepted the defendant's acts of a sexual nature towards them."

"These types of statements (...) are very revealing that their testimonies correspond to the truth of the facts that happened to them while they were in the orphanage and in our opinion do not require any further substantiation," the text states.

In the case of the injured women whose crimes were not proven, the judge notes that they reversed statements initially given to the Public Ministry and in court "totally denied the facts contained in the

indictment,” even saying they were “threatened by the Public Ministry during the investigation to say they were raped by the defendant.

Despite this, the judge said that the defendant even asked in court that he be convicted, and that his partial admission of guilt, the victims’ statements, and other evidence presented in the case warranted conviction.

One issue that was not considered by the court has to do with forensic examinations performed on the alleged victims, “which have the sole purpose of determining whether or not the hymen was broken as a result of sexual practices.”

The judge considered that the examinations were performed, long after the alleged crimes were committed, in 2020, “and do not allow by themselves to establish any link of imputation between an alleged rape or sexual abuse (...) and their results.”

The court also disregarded, as irrelevant, testimony from dozens of witnesses, both arraigned by the prosecution and defense, in this case including former President Xanana Gusmão himself.

The ruling notes that the victims, minors at the time of the crimes and now adults, “had courage, without shame and fear” and maintained their statements to the prosecution during the court hearing.

The ruling also refers to statements made by Daschbach himself before his former religious order, the SVD in Dili, to whom he said, when asked about the abuses that they were “100% true.” Other witnesses confirmed seeing the defendant, naked, bathing naked girls.

The judge noted that more than a dozen other victims were also presented during the trial, with at least three reversing the charges initially confirmed to the prosecution. Representatives of the victims claim there was intimidation.

In some cases the crimes were not considered by the court because they were time-barred under the law in force when they were allegedly committed, specifically the Indonesian penal code. The sentence takes into account only five proven crimes committed against four victims.

Moments after the judge finished reading the judgment in Portuguese, and before giving a summary of the decision in Tetum - translated into Indonesian for the defendant - the historical leader Xanana Gusmão left the courtroom.

Xanana Gusmão, who made no statement to journalists today, was one of Daschbach’s main supporters during the trial, and was even a witness for the defense in the case.

The final stretch of the day was marked by cries and shouts from many supporters of the former priest, mostly girls and young women, who gathered outside the court.

While waiting to be taken by the police to the police station in Oecusse - before traveling under police escort to Dili where he will be held in pre-trial detention - Daschbach turned to the girls and in Indonesian said that he had been sentenced to 12 years in jail.

The young women started crying and screaming, trying to push the police officers to hug the former priest, forcing the police to remove them from the scene.

Daschbach eventually left through the back of the courthouse where he was placed in a police car that sped out of the complex, to the cries of dozens of supporters who ran after the vehicle.

ASP//MIM

Lusa/End

Ex-padre condenado em Timor-Leste a 12 anos de prisão por abuso de menores

As vítimas apelam a todos os que apoiam o ex-padre para "que abram o vosso pensamento para ver que há muita gente a viver em trauma".



© ANTÓNIO SAMPAIO/LUSA

DN/Lusa

21 Dezembro 2021 — 10:43

O Tribunal Distrital de Oecusse condenou esta terça-feira o ex-padre Richard Daschbach a 12 anos de prisão por vários crimes de abuso sexual de menores, cometidos num orfanato em Timor-Leste.

A pena de prisão, lida esta terça-feira, foi determinada tendo em conta cinco crimes de abusos de menores de 12 anos e a idade do arguido, 84 anos.

Em termos individuais e pelos vários crimes, o coletivo de juízes aplicou penas parcelares que totalizam mais de 37 anos de prisão, com o cúmulo jurídico de penas a ser de uma pena única de 12 anos de prisão.

O juiz absolveu o arguido da prática do crime de pornografia infantil tendo decidido ainda alterar a medida de coação, pelo perigo de fuga, passando a aplicar de imediato a pena de prisão preventiva.

O juiz ordenou igualmente o pagamento de uma compensação financeira de quatro mil dólares a cada uma das cinco vítimas contra quem os crimes foram provados.

As vítimas manifestaram a sua dor pelos abusos de que foram alvo, considerando que Richard Daschbach merece um "castigo severo" pelo sofrimento que provocou.

"Procuramos palavras para nos expressar, mas não consigo encontrar as palavras que possam refletir a destruição que ele causou a mim e a várias gerações de crianças, o sofrimento que nos causou e às nossas famílias, e a manipulação que fez à comunidade de Oecusse e a grande parte de TimorLeste", refere o texto lido no final do julgamento.

A mensagem foi lida à porta do Tribunal Distrital de Oecusse, por Hildegardis Wondeng, em representação das vítimas de Daschbach, que destacaram o facto de terem podido erguer-se e defender os seus direitos.

Dirigindo-se a toda a comunidade timorense, e especialmente da região do enclave de Oecusse-Ambeno, onde os abusos foram cometidos, as vítimas saudaram o facto "como crianças e mulheres" de se terem conseguido erguer, defender os seus direitos e "dizer o que é verdade e não é verdade".

"Queremos dizer aos habitantes de Oecusse: Nós declaramos aquilo a que fomos sujeitas. Não mentimos, não fizemos denúncias sem fundamento", disseram as vítimas.

As vítimas dizem que querem evitar mais sofrimento no futuro e poder "seguir em frente livres do sofrimento que Richard Daschbach causou, das feridas que ele causou".

"O arguido merece um castigo forte pelo que nos fez a nós raparigas. Quero que o arguido vá para a prisão mesmo, porque ele merece. Espero que enquanto estiver na prisão até acabar a pena possa entender o sofrimento que nos causou e possa aprender com os seus erros", afirmou.

As vítimas agradeceram a quem colaborou para alcançar o resultado desta terça-feira, recordando que depois de quase quatro anos de um longo processo, as vítimas estão "cansadas e precisam de descansar".

"Peço a todos os que apoiam o ex-padre, para que abram o vosso pensamento para ver que há muita gente a viver em trauma, porque outros fizeram o que queriam e tiraram a alegria das crianças através de um comportamento errado", referiram.

"Nós não esquecemos o que ele fez de bom. Continuamos a pensar nisso, mas também nunca vamos esquecer o que ele nos fez de mal", concluiu a mensagem.